



Alexandra Manes

# A insustentável leveza de um cais

Angra do Heroísmo acordou, há uns dias, com a chegada de cruzeiros. Os primeiros não atracaram no novo molhe do Porto de Pipas, mesmo assim sentiu-se a sua presença na cidade.

Mais tarde ancorou o primeiro, numa sexta feira que movimentou a urbe e as suas gentes, ao nível de uma aurora pouco boreal, mas bem atlântica. Este feito parece ter-se devido a uma peça na RTP/Açores a dar conta do facto, onde foi possível perceber a desarticulação entre as entidades oficiais.

O Governo Regional dos Açores apregoa, com gosto, a sustentabilidade. Em abono da verdade, é uma das grandes bandeiras políticas de todas as cores e qualidades de quem representa o povo.

Será que quem abana essa bandeira sabe verdadeiramente o que é sustentabilidade?

Sustentável é ser suficiente para si mesmo e ter potencial de crescer e evoluir, se assim o desejarmos.

Turismo sustentável não é mais do que uma falácia que a Secretaria Regional decidiu abraçar como se fosse dogma religioso.

O turismo é, por definição, muito pouco sustentável.

Quanto mais pessoas chegarem, menos a Região será capaz de se sustentar, pois ao contrário do que se pensa não há uma distribuição equitativa da riqueza gerada. Como prova disso, nem precisamos de sair de Portugal: Madeira e Algarve, duas regiões dominadas pelo turismo e que padecem de uma enorme pobreza.

Mas a Secretaria Regional assim o deseja, como se fosse programadora informática empenhada em construir a Inteligência Artificial que

vai destruir a Humanidade.

Não o escrevo em detrimento da entrada de pessoas na Terceira. Quem vier, que venha por bem, mas não esqueçamos a quem.

Os Açores precisariam desenvolver novas estratégias de sobrevivência e da monocultura, para lá do mercado único, que já foi do leite e agora ameaça ser dos turismos.

O senhor João, que vive da reforma, não consegue pagar uma renda em Angra. O Luís que começou a trabalhar no ano passado não tem possibilidade de ir com os amigos ao prato do dia.

A inflação cavalga o mercado aberto e a entrada dos capitais estrangeiros.

A vinda de quem pode pagar, faz com que nós não possamos fazê-lo.

Não é em Lisboa, nem na Lua. É aqui.

Mas, como é hábito em todas as regiões que se querem afirmar pelo turismo, a obra do Porto de Pipas que contou com a avultada quantia de 18 milhões de euros, ficou inacabada. Inacabada, essencialmente para as e os açorianos. Daqui a dias teremos a Linha Lilás a permitir as viagens, via marítima, que ligam a Terceira às restantes ilhas do grupo central, mas sem uma gare, sem iluminação. Sem o básico.

Urge apelar a mais democracia. Menos bandeiras dogmáticas. Mais reflexão. Menos nomeações de cargos diretivos pelo simples facto de terem cartão partidário. O Museu de Santa Maria que o diga.

A sustentabilidade da nossa democracia depende de nós e dos nossos votos.



Gabriela Silva

# Nos primeiros trinta e muitos

Nos primeiros trinta e muitos anos da minha vida não me foi dado o privilégio de viajar e conhecer outros mundos. A ilha das Flores era praticamente desconhecida, a minha vida era feita de rotinas embora a minha cabeça tenha começado a viajar muito mais cedo. Mas esse “sonhar acordada” não me levou para lá de um horizonte visual muito reduzido.

Os primeiros anos da democracia trouxeram muitas novidades mas foram precisos alguns anos para que se notassem as grandes diferenças que nos fizeram sentir que tudo estava a mudar.

Com a entrada de Portugal na comunidade económica europeia foram aparecendo sinais da vitalidade de outros países e em poucos anos, a nossa vida mudou radicalmente. Hoje, viajar é barato e é extremamente fácil. Depende das expectativas que criamos e daquilo que exigimos da viagem.

Durante toda a minha vida, sempre vi as Flores como um lugar onde nunca faltou o essencial. Lembro-me de viver sem eletricidade, sem barco todos os meses, sem aeroporto e com pouquíssimos carros mas ainda assim, não tenho memória de me ter faltado alguma coisa essencial.

Hoje em dia, temos tudo como em todo o lado. Para muita gente este meu “tudo” é “quase nada”. São formas diferentes de encarar a realidade e, seguramente, formas extremamente diferentes de distinguir o fundamental do acessório.

Nos últimos anos tenho viajado bastante. Tenho consciência de que as forças já não são o que eram e sei que a tendência não é melhorar. Tenho aproveitado para espreitar o mundo e perceber como vivem outros povos e como se comportam noutras culturas. E reconheço que é a melhor coisa que se pode fazer para ganhar conhecimento

Talvez movida pela necessidade de grandeza, gosto sempre de fazer a ronda

das lojas grandes e dos supermercados imensos onde a minha ansiedade de fatura se realiza. Gosto dessa ronda pela excepcionalidade da oferta e pela quantidade imensa de produtos que são hoje oferecidos ao consumidor. E aqui reside também um grande problema na minha modesta opinião: o problema da escolha.

Numa prateleira com dez produtos diferentes para responder a uma necessidade, perdemos tempo e temos que investir emoção para decidir qual deles levar. E isso acontece com dezenas de produtos: comida, sapatos, vestidos, carteiras, presentes, etc, etc. É um exercício cansativo, desgastante e frustrante. Uma pessoa sabe o que quer e do que gosta mas só tem recursos para comprar aquilo que gosta menos, por exemplo. Fica frustrada e triste ou vai além daquilo que pode.

Acredito que parte da instabilidade dos jovens de hoje se deve ao exagero de coisas e oportunidades disponíveis e a frustração da escolha necessariamente mais próxima da sua realidade económica e social. E assistimos cada vez mais a disputas das crianças com os pais no meio das prateleiras do supermercado a exigir coisas que os progenitores não podem ou não querem dar.

Tenho tido muito boas experiências em países diferentes porque já não tenho o apelo de comprar como quando era jovem. E, verdade seja dita, já me cansam as superfícies demasiado grandes. Na verdade, não ter grande escolha é um descanso.

Percebi que estava a ficar velha quando comecei a sentir saudades da pequenez em que cresci mas onde agora sei que tenho tudo o que preciso. E sei que os melhores legumes estão no meu quintal, que o melhor restaurante é a minha casa e o melhor lugar do mundo é a minha ilha. Onde realmente, não falta nada!